

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

---

**Prova Escrita de Português**

---

12.º Ano de Escolaridade

---

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

---

**Prova 639/Época Especial**

8 Páginas

---

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

---

**2016**

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 78 a 81 do Canto VII de *Os Lusíadas*. Se necessário, consulte as notas.

- Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,  
Eu, que cometo, insano e temerário,  
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,  
Por caminho tão árduo, longo e vário!  
5 Vosso favor invoco, que navego  
Por alto mar, com vento tão contrário  
Que, se não me ajudais, hei grande medo  
Que o meu fraco batel se alague cedo.
- Olhai que há tanto tempo que, cantando  
10 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,  
A Fortuna me traz peregrinando,  
Novos trabalhos vendo e novos danos:  
Agora o mar, agora experimentando  
Os perigos Mavórcios inumanos,  
15 Qual Cánace, que à morte se condena,  
Nũa mão sempre a espada e noutra a pena;
- Agora, com pobreza avorrecida,  
Por hospícios alheios degradado;  
Agora, da esperança já adquirida,  
20 De novo mais que nunca derribado;  
Agora às costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tão delgado  
Que não menos milagre foi salvar-se  
Que pera o Rei Judaico acrecentar-se.
- 25 E ainda, Ninfas minhas, não bastava  
Que tamanhas misérias me cercassem,  
Senão que aqueles que eu cantando andava  
Tal prémio de meus versos me tornassem:  
A troco dos descansos que esperava,  
30 Das capelas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca usados me inventaram,  
Com que em tão duro estado me deitaram.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão, Lisboa, MNE/IC, 2003, pp. 194-195

## NOTAS

*Agora ... agora* (versos 13; 17,19 e 21) – ora ... ora.

*Cánace* (verso 15) – filha de Éolo. Prestes a suicidar-se, Cánace escreveu uma carta com a mão direita, enquanto segurava uma espada com a mão esquerda.

*capelas de louro* (verso 30) – coroas de folhas de louro.

*hospícios* (verso 18) – abrigos; refúgios.

*Mavórcios* (verso 14) – de Marte; bélicos.

*Rei Judaico* (verso 24) – Ezequias, rei de Judá. Ao saber que ia morrer, rogou a Deus que lhe concedesse mais quinze anos de vida.

1. Justifique o pedido dirigido pelo Poeta às Ninfas do Tejo e do Mondego, baseando-se no conteúdo da primeira estância.

2. «Nũa mão sempre a espada e noutra a pena» (v. 16).

Explique o sentido deste verso, tendo em conta os aspetos autobiográficos evocados pelo Poeta na segunda e na terceira estâncias.

3. Explícite a crítica presente na última estância do excerto.

## B

Leia o texto.

- Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na República, estes são os comidos.
- 5 E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das Cidades e das Províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo os devoram e comem?
- 10 *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres, é que para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come; e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que
- 15 os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não, e com olhades uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não
- 20 só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Padre António Vieira, *Sermão de Santo António (aos Peixes) e Sermão da Sexagésima*, edição de Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 88-90

4. Explique o sentido da metáfora «São o pão quotidiano dos grandes» (linhas 12 e 13), tendo em conta o conteúdo do excerto.
5. Relacione o recurso à interrogação retórica presente na linha 16 com a intenção crítica do pregador presente nas linhas que se lhe seguem.

## GRUPO II

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

Leia o texto.

Esta paixão pela língua portuguesa, que aqui confesso, cega não será, superlativa muito menos. Entendo-a rica, porque vem das boas famílias dos antigos e o que recebeu multiplicou. Mas nunca afirmarei que é a mais rica ou a mais bela do mundo. Cada povo verá no seu idioma mais virtudes que em idiomas alheios. Que a disputa, se a houver, seja festiva, pois  
5 que os idiomas não ocupam espaço e não geram rivais mas políglotas. Anterior à festa, está, porém, aquilo que dizem História. E a História é bruta e territorial.

Para abordar o assunto do domínio da língua portuguesa sobre os povos são necessários delicadeza e conhecimento, inteligência e desassombro em dose máxima. Dou-me por incapaz e renuncio a uma tentativa de discurso. Sei, sim, que houve opressão e apagamento. Mas  
10 talvez não nos caiba desculparmo-nos pelos conceitos e ações de antepassados, visto que não nos assumimos legatários e o *continuum* moral já foi cortado. [...]

As línguas são os únicos seres vivos que não têm origem natural. O erro humano pode prolongar-se, mesmo inocentemente, por descuido. O português carregará ainda alguma febre imperial no corpo e é natural que desconfiem dele. Mas acontece que a repressão é mecânica  
15 e a língua é biológica. Se chega às terras de outros povos na bagagem do colonizador, em breve sai e se desnuda e se alimenta, e adormece e procria. As armaduras ficam no chão, enferrujadas, podres. A formação orgânica progride.

Que desígnio será o seu, agora, se não o de trocar e conviver, isto é, integrar a plenitude, reconhecendo e respeitando a alteridade? Com os nossos instrumentos humanistas, seremos  
20 nós os capazes de «medir», como escreve o Professor Eduardo Lourenço, «esse impalpável mas não menos denso sentimento de distância cultural que separa, no interior da mesma língua, esses novos imaginários»? [...]

O nosso mundo de sobreviventes está seguro por laços muitos finos. Eu vejo os fios que unem os textos nas diversas versões do português, leves fios resistentes e aplicados  
25 a construir uma teia que não rasgue. Quando o angolano Ondjaki dedica um poema ao brasileiro Manoel de Barros, quando Mia Couto reconhece a influência que teve Guimarães Rosa na sua escrita transfiguradora e transfigurada pelas africanas narrativas do seu povo; quando a portuguesa Maria Gabriela Llansol considera Lispector «uma irmã inteiramente dispersa no nevoeiro», vemos a língua portuguesa a ocupar - não como o invasor ocupa  
30 a terra, mas como o sangue ocupa o coração - um espaço livre, um sítio para viver, uma comunidade de diferenças elástica, simbiótica e altiva. Esta é a ditosa língua, minha amada.

Hélia Correia, «Ditosa Língua», *Público*, 8 de julho 2015

1. Segundo a autora, o amor à língua materna
  - (A) justifica disputas históricas entre os povos.
  - (B) condiciona o convívio com outras línguas.
  - (C) anula a brutalidade dos factos históricos.
  - (D) admite a valorização das outras línguas.
  
2. No terceiro parágrafo, a autora enfatiza o facto de a língua portuguesa
  - (A) se impor a outros povos pelo recurso à força.
  - (B) evoluir pelo contacto com outras culturas.
  - (C) continuar a ser vista como a língua do colonizador.
  - (D) ser incapaz de se desligar dos erros da História.
  
3. No último parágrafo, a ideia de união dos falantes de língua portuguesa é representada através da associação com
  - (A) nevoeiro e teia.
  - (B) teia e sangue.
  - (C) sangue e terra.
  - (D) terra e coração.
  
4. O adjetivo «altiva» (linha 31) remete para a ideia de
  - (A) arrogância.
  - (B) intolerância.
  - (C) nobreza.
  - (D) rigidez.
  
5. No contexto em que ocorre, a forma verbal «verá» (linha 3) exprime uma
  - (A) suposição.
  - (B) certeza.
  - (C) ordem.
  - (D) obrigação.

6. Nas expressões «Se chega» (linha 15) e «se desnuda» (linha 16), as palavras sublinhadas são
- (A) conjunção e pronome, respetivamente.
  - (B) pronome e conjunção, respetivamente.
  - (C) conjunções, em ambos os casos.
  - (D) pronomes, em ambos os casos.
7. Relativamente à expressão «a língua portuguesa» (linha 29), o recurso ao pronome demonstrativo presente na linha 31 constitui uma
- (A) substituição por hiperonímia.
  - (B) substituição por sinonímia.
  - (C) anáfora.
  - (D) catáfora.
8. Indique o valor da oração relativa «que aqui confesso» (linha 1).
9. Indique a função sintática desempenhada pela oração «que houve opressão e apagamento» (linha 9).
10. Identifique o antecedente do possessivo «sua» (linha 27).

## GRUPO III

A União Europeia preconiza a aprendizagem de, pelo menos, duas línguas estrangeiras, considerando-a crucial para a construção de pontes entre povos e culturas.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a necessidade de aprender línguas estrangeiras, na atualidade.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

## FIM

### COTAÇÕES

Grupo	Item	
	Cotação (em pontos)	
I	1. a 5.	
	5 × 20 pontos	100
II	1. a 10.	
	10 × 5 pontos	50
III	Item único	50
TOTAL		200